

## Ciência e Metafísica nos Livros A e B da *Metafísica* de Aristóteles

### 1. Introdução

Como se sabe, o termo *Metafísica*, utilizado para designar uma das principais obras aristotélicas, jamais foi empregado por Aristóteles ele próprio. O termo foi cunhado tardiamente, apenas no século I a.C., por Andrônico de Rhodes,<sup>2</sup> face à necessidade de classificar um grupo de textos que não recebia, da parte de Aristóteles, uma denominação própria. Com efeito, ao longo dos quatorze livros que compõem a *Metafísica*, Aristóteles refere-se à sua investigação por meio de diferentes expressões: “filosofia primeira”, “ciência buscada”, “ciência primeira”, “teologia”, “sabedoria” ou simplesmente “filosofia”. A expressão “τὰ μετὰ τὰ φυσικά”, de que deriva o termo *Metafísica*, significa, literalmente, “o que vem depois da física”; mas, se com isto Andrônico de Rhodes, o editor da obra, pretendia simplesmente aludir, à falta de uma expressão melhor, a um grupo de textos que, na *ordem de edição*, vinham depois da *Física*, ou se, pelo contrário, ele pretendia se referir a um tipo de investigação que trataria de *objetos mais eminentes* do que aqueles da *Física*, ou ainda, se pretendia falar de uma ciência que, segundo a *ordem do conhecer*, deveria ser examinada depois da *Física*, constitui uma questão controversa já desde a Antiguidade. Não pretendemos porém nos deter nesta discussão, i.e., avaliar as múltiplas acepções que o termo “metafísica” assumiu ao longo da tradição filosófica quando se tentava elucidar o que de fato se deveria compreender pela expressão “o que vem depois da física”.<sup>3</sup> Nosso objetivo aqui é bem mais restrito.

1 Mestre em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ.

2 Pierre Aubenque, *Le Problème de l'être chez Aristote*, Paris, 1983, p. 23 ss..

3 Para uma discussão minuciosa sobre estas controvérsias, ver Aubenque, *op. cit.*, *ibid.*.

Gostaríamos de tentar esclarecer em que sentido a expressão “*o que vem depois da física*”, aparentemente arbitrária (uma vez que parece apenas situar uma determinada obra no conjunto das obras aristotélicas), pode ser aplicada ao projeto filosófico de Aristóteles enunciado nos livros A e B da *Metafísica*. No entanto, nossa argumentação estaria desde já comprometida se não pudéssemos responder inicialmente a uma virtual objeção, que se seguiria como um corolário do objetivo proposto: se a expressão é extrínseca ao próprio texto e talvez mesmo arbitrária, por que razão então tentar fazê-la adequar-se ao texto aristotélico? Se Aristóteles ele mesmo jamais empregou a expressão, que sentido haveria em buscar compreender seu significado no interior de sua obra? Ora, em primeiro lugar, no caso particular da expressão em questão, jamais um termo aparentemente arbitrário parece ter servido de modo tão adequado para exprimir os fins específicos de um tipo determinado de investigação filosófica. Kant, p. ex., referindo-se à expressão, afirma:

No que concerne ao nome da metafísica, não se pode crer que ele tenha nascido do acaso tanto ele convém exatamente a esta ciência mesma: se chamamos φύσις a natureza e se somente podemos chegar aos conceitos da natureza pela experiência, então a ciência que segue a esta aqui se chama metafísica (de μετά, trans—, e física). É uma ciência que se encontra, de algum modo, fora, ou seja, além do domínio da física”.<sup>4</sup>

É claro que com esta afirmação Kant já assume uma posição no leque de interpretações possíveis. Mas, ainda que, por hipótese, a expressão fosse arbitrária (indicasse um mero critério editorial), a questão é que ela, por assim dizer, adquiriu certa autonomia, situando-se no eixo de importantes discussões no seio da tradição filosófica. Por isto, em segundo lugar, o que nos orienta aqui é uma concepção mesma de filosofia, na medida em que não se trata de explicar Aristóteles, mas de interpelar seu pensamento sob a perspectiva de uma questão determinada, que marcou toda uma tradição e que foi atribuída por esta mesma tradição a Aristóteles. Desta forma, a nossa questão aqui é: em que sentido a expressão “*o que vem depois da física*” vincula-se ao projeto aristotélico descrito nos livros A e B? Nosso objetivo é, por um lado, mostrar

<sup>4</sup> *Vorlesungen Kants über Metaphysik aus drei Semestern*, ed. por M. Heinze, Leipzig, 1894, p. 186. *Apud* P. Aubenque, *op. cit.* p. 30.

como uma resposta adequada a esta questão nos proporciona uma concepção aristotélica de ciência e, por outro lado, mostrar ainda como estes dois livros formam certa unidade onde, de modo esquemático, poderíamos reconhecer três etapas na busca de Aristóteles pela constituição de uma ciência específica: [i] formulação geral do seu projeto filosófico, [ii] abordagem histórica deste projeto e [iii] levantamento das dificuldades engendradas pelo projeto. Nossa conclusão será que um quarto passo, decisivo para a efetivação do projeto-formulado no contexto dos livros *A* e *B*, parece não ter sido realizado por Aristóteles.

## 2. O Projeto Filosófico Enunciado no Livro A

No conjunto de textos que compõem a *Metafísica*, o livro *A* é certamente um dos mais antigos. A utilização ali frequente do pronome “nós”<sup>5</sup> (ἡμεῖς), p.ex., parece denunciar ainda certo comprometimento de Aristóteles com a tradição platônica. A obra começa com uma frase célebre, que descreve o ato de conhecimento como atividade intrínseca à natureza humana: “*Todos os homens desejam naturalmente conhecer*”. Este princípio, que parece desde já estabelecer certa precedência da pergunta pelo conhecimento no horizonte das investigações que se seguem e que, afinal, deverá nortear em larga medida a tradição metafísica ocidental, não deve ser compreendido sem mais no contexto da obra, i.e., como simplesmente postulado. Embora proceda em seguida a uma análise dos modos de conhecer, um esclarecimento da necessidade mesma da colocação do problema do conhecimento pode ser examinado à luz de algumas passagens da *Ética a Nicômaco*, onde Aristóteles trata da articulação de certos conceitos como *função* (ἐργον), *bem* (ἀγαθόν) e *felicidade*<sup>6</sup> (εὐδαιμονία).

O argumento de Aristóteles, em linhas gerais, funda-se em uma con-

5 Cf., p.ex, 990b 9. Cf. também W. Jaeger, *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik des Aristoteles*, p. 33 ss..

6 Quanto à tradução deste termo, ver a interessante observação de D. Ross, *Aristóteles*, p 196: “Originariamente, o adjetivo correspondente significava ‘velado por um bom gênio’, mas, no grego comum, a palavra designa simplesmente a sorte, muitas vezes com referência especial à prosperidade exterior. A tradução convencional por ‘felicidade’ é imprópria a respeito da *Ética*, pois, enquanto ‘felicidade’ designa um estado de sentimento, diferindo do ‘prazer’ apenas pela sua sugestão de permanência, de profundidade e de serenidade, Aristóteles insiste no fato de eudaimonia ser uma espécie de atividade, e não qualquer espécie de prazer, apesar de este a acompanhar naturalmente. Por isto, será preferível traduzir mais prudentemente por ‘bem estar’”.

cepção teleológica do homem. Toda ação, afirma, é realizada visando sempre a execução de um fim determinado (τέλος), de modo que, em cada ação, o fim em vista de que ela é realizada se identifica sempre com o bem da própria ação.<sup>7</sup> Ora, podemos visar fins intermediários, i.e., que se prestem eles próprios à realização de outros fins, mas como não poderíamos percorrer indefinidamente a série de fins, deve haver então um fim que seja visado em virtude de si próprio, sem a perspectiva de um fim ulterior. Este fim último Aristóteles denomina de Sumo Bem. Neste sentido, a felicidade parece se identificar com o Sumo Bem, na medida em que a perseguimos por ela mesma: “ela é procurada sempre por si mesma e nunca com vistas em outra coisa”.<sup>8</sup> O passo seguinte consiste então no exame da natureza disto que denominamos “felicidade”. Aristóteles introduz aqui o conceito de *função* e se pergunta se não haverá um tipo de função específica da natureza humana. Esta *função*, concluirá, é a vida contemplativa, i.e., uma espécie de busca por um tipo determinado de conhecimento.

Assim, se é o ato de conhecer que, de modo geral, define a *função* própria do homem, não haverá então, entre os diversos tipos de conhecimentos, algum que seja mais eminente e ao qual todos os outros estejam de algum modo subordinados? No primeiro capítulo do livro A Aristóteles mostra que há diferentes tipos de conhecimentos e que eles mantêm entre si uma relação de hierarquização. O conhecimento mais elementar nos é dado pela sensação e, entre os órgãos dos sentidos, é a visão que proporciona um maior número de conhecimentos, na medida em que, através dela, percebemos, na realidade mesma das coisas, um maior número de *diferenças* (διαφορά). Percebemos, por exemplo, que, entre o preto e o branco, há uma grande diversidade de cores, que a área ocupada pelo Parthenon é superior àquela ocupada por uma casa ou que uma lebre é mais veloz do que uma tartaruga. Ora, *cores*, *tamanho* ou *movimento* são qualidades intrinsecamente distintas e, no entanto, podem todas ser percebidas por meio de um único órgão, i.e., a visão.<sup>9</sup> É bem verdade

7 *Ética*, 1094a.

8 *Ibid.* 1097b 1.

9 Cf. *Sense and Sensibilia*, 473a 4-19 (trad. J. I. Beare): “Of the last two mentioned [smelling, hearing], seeing, regarded as a supply for the primary wants of life is in its own right the superior sense; but for developing thought hearing incidentally takes the precedence. The faculty of seeing, thanks to the fact that all bodies are coloured, brings tidings of multitudes of distinctive qualities of all sort; whence it is through this sense especially that we perceive the common sensibles, viz. figure, magnitude, motion, number; while hearing announces only the distinctive qualities of sound, and, to some few animals, those also of voice”.

que, através do tato, por exemplo, podemos percorrer duas diferentes superfícies e avaliar aquela de maior área; no entanto, o privilégio da visão é que, normalmente, com um único olhar, apreendemos imediatamente toda a extensão de uma superfície, i.e., não precisamos percorrê-la. É interessante notar que é, precisamente, esta metáfora do olhar que está em questão na origem do conceito de *intuição* como tipo de conhecimento imediato ou privilegiado, na medida em que *intueri* —de que deriva o termo *intuição*—, em latim, significa “ver”.<sup>10</sup>

Além da sensação (αἴσθησις), podemos contar também com a memória (μνήμη), i.e., com o poder de reter através de um lapso de tempo as imagens (φαντασία) recebidas pela sensação.<sup>11</sup> Assim, uma diversidade de lembranças de uma mesma coisa chega finalmente a constituir o que Aristóteles denomina experiência (ἐμπειρία). Não devemos porém confundir os conceitos de experiência e de técnica (τέχνη).<sup>12</sup> Esta última surge quando, de uma multiplicidade de experiências incidindo sobre uma mesma espécie de coisas, podemos extrair uma espécie de julgamento universal (ὑπόληψις). Por exemplo, podemos saber por experiência que um determinado remédio curou Cálidas e depois curou Sócrates e, depois ainda, outros indivíduos acometidos de uma doença qualquer. No entanto, o conhecimento de que um certo remédio pode curar *todos* os indivíduos de uma dada constituição (εἶδος), tomados em conjunto, não decorre, segundo Aristóteles, da experiência, mas da técnica. A experiência, com efeito, pressupõe na sua constituição uma diversidade de apreensões sensíveis, mas o tipo de conhecimento que ela proporciona diz sempre respeito a um *indivíduo* isolado, ao passo que, no caso da técnica, o conhecimento adquirido refere-se sempre a um *universal*, i.e., a todos os indivíduos reunidos sob o escopo de um único julgamento universal. Esta distinção entre o *universal* e o *indivíduo* é decisiva para o projeto filosófico enunciado na *Metafísica*, pois, como afirma o livro B: “*Toda ciência diz respeito ao universal*”.<sup>13</sup> No *De Interpretatione* Aristóteles tematiza em termos lingüísticos o problema da articulação entre estes dois conceitos: “*eu chamo universal isto cuja natureza é de ser afirmado de muitos sujeitos, e singular isto que não pode sê-lo:*

10 Cf. p. ex. Descartes, *Regulae ad Directionem Ingenii*, AT X, 368, l. 24-25.

11 Cf. *On Memory*, 449b 28 (trad. J. I. Beare): “Memory is, therefore, neither perception nor conception, but a state or affection of one of these, conditioned by a lapse of time”.

12 O termo τέχνη é também usualmente traduzido por “arte”.

13 1003a 14. Cf. também 999b 26 (trad. H. Tredennik): “And how can there be knowledge unless there is some universal term?”.

por exemplo, 'homem' é um termo universal e Cális um termo singular" (17a 38). A técnica portanto, mais do que a experiência, preenche certas condições exigidas na constituição da ciência buscada por Aristóteles.

A preeminência da técnica sobre a experiência decorre também do fato de que, no primeiro caso, temos um conhecimento das causas, o que não ocorre no segundo caso. Ora, segundo Aristóteles, a concepção ordinária mesma de *sábio* (σοφός) envolve já a idéia daquele que conhece segundo as causas. Por conseguinte, a técnica, mais do que a experiência, poderia, com maior razão, ser denominada *sabedoria*. Na verdade, o exame da questão da *sabedoria* (σοφία) aqui, especificamente, e as análises aristotélicas, de maneira geral, buscam explicitar aquilo que está já, de algum modo, contido em nossa compreensão pré-filosófica da questão em pauta. Neste sentido, para Aristóteles, não se trata de simplesmente propor uma concepção de sabedoria, mas de esclarecer o que, de fato, compreendemos na utilização deste termo. Destarte, o projeto filosófico aristotélico descrito no livro A deve consistir então numa análise do conceito de sabedoria de modo a, mais precisamente, explicitar qual tipo de conhecimento deve corresponder à função própria do homem. No final do primeiro capítulo Aristóteles indica de modo preciso os fins gerais de sua investigação, acentuando o caráter "descritivo" e não "revisonário"<sup>14</sup> de sua análise:

O objetivo de nossa presente discussão é mostrar que, sob a denominação de sabedoria, cada um entende comumente aquilo que trata das [primeiras] causas e dos [primeiros] princípios.<sup>15</sup>

14 P. F. Strawson, *Individuals: An Essay in Descriptive Metaphysics*, p. 9. opõe os termos "revisonário" e "descritivo" para qualificar dois diferentes tipos de metafísica: "Metaphysics has often been revisionary, and less often descriptive. Descriptive metaphysics is content to describe the actual structure of our thought about the world, revisionary metaphysics is concerned to produce a better structure. The productions of revisionary metaphysics remain permanently interesting, and not only as key episodes in the history of thought. Because of their articulation, and the intensity of their partial vision, the best of them are both intrinsically admirable and of enduring philosophical utility. But this last merit can be ascribed to them only because there is another kind of metaphysics which needs no justification at all beyond that of inquiry in general. Revisionary metaphysics is at the service of descriptive metaphysics. Perhaps no actual metaphysician has ever been, both in intention and effect, wholly the one thing or the other. But we can distinguish broadly: Descartes, Leibniz, Berkeley are revisionary, Aristotle and Kant descriptive. Hume, the ironist of philosophy, is more difficult to place. He appears now under one aspect, now under another."

15 984b 28. Wirth sugere que o termo πρώτα, na expressão primeiras causas, seja suprimido, uma vez que só no capítulo seguinte se mostrará que é das primeiras causas e dos primeiros

O capítulo seguinte trata então de mostrar quais são as principais características normalmente imputadas à sabedoria, *i.e.*, os critérios que devem ser satisfeitos na constituição desta *ciência buscada* (ἡ ἐπιστέμη ζητούμενη). Estes critérios são:

- (i) Universalidade (982a 8-10 e 982a 21-23).
- (ii) Dificuldade. (982a 10-12 e 982a 23-25).
- (iii) Conhecimento pelas causas e com exatidão (982a 12 e 982a 25-28).
- (iv) Ensinabilidade (982a 13 e 982a 28-30).
- (v) Ter um fim em si mesma (982a 14-16 e 982b 4).
- (vi) Preeminência sobre as demais ciências (982a 16-19 e 982b 4-7).

Essas seis marcas exprimem apenas o que, segundo Aristóteles, está presente em nossa compreensão ordinária de *sabedoria*.<sup>16</sup> No entanto, todas elas, de algum modo, convergem para um conhecimento das primeiras causas e primeiros princípios, de modo que o projeto aristotélico assume então a forma de uma disciplina particular, que tem por fim, precisamente, uma doutrina das causas e princípios mais gerais. Ainda no capítulo dois, concluindo este passo de sua investigação, Aristóteles afirma:

Todas estas considerações mostram que é sobre a mesma ciência que vem se aplicar o nome em questão: é necessário que esta seja uma ciência que especule sobre as primeiras causas e primeiros princípios (982b 8).

Convém notarmos porém que Aristóteles, na constituição desta *ciência buscada*, se reconhece como tributário de uma tradição que lhe foi anterior. Por isto, nos capítulos seguintes, ele trata de mostrar como se desenvolveu esta ciência entre os primeiros filósofos gregos, indicando também, de modo mais específico, quais são estas causas e princípios mais gerais.

---

princípios que trata a *sabedoria*. Cf. *La Métaphysique*, trad. J. Tricot, vol. 1, p. 11, n. 1. Cf. também Jacques Follon, *Le concept de philosophie première dans la "Métaphysique" d'Aristote*, p. 390, n. 7.

16 982a 20: "Such in kind and in number are the opinions [ὀπίομησις] which we hold with regard to Wisdom and the wise".

### 3. Abordagem Histórica do Projeto Enunciado

Como se sabe, no capítulo três, Aristóteles distingue quatro diferentes tipos de causas: (i) *causa formal*, (ii) *causa material*, (iii) *causa eficiente* e (iv) *causa final*. Não vamos discutir o modo pelo qual se opera ali e nos capítulos subsequentes uma crítica sistemática a cada filósofo da tradição já então constituída. O que deve nos interessar, para o desenvolvimento de nossa questão, é evidenciar o estatuto destes capítulos no quadro argumentativo dos livros A e B. A formulação do projeto de um tipo de ciência cujos fins específicos concernissem à função própria do homem, bem como suas marcas distintivas, são descritas nos dois primeiros capítulos do livro A, onde, como vimos, esta *ciência buscada* assume a forma de uma doutrina geral das primeiras causas e primeiros princípios. Nos capítulos seguintes, Aristóteles trata de mostrar que, na verdade, uma investigação neste sentido já havia sido realizada entre os filósofos que o antecederam. No entanto, eles teriam tratado o problema de modo ainda obscuro,<sup>17</sup> conferindo preeminência, em suas teorias, ora a um tipo, ora a outro tipo dentre as quatro causas reconhecidas por Aristóteles.

Como já destacamos, Aristóteles, em termos gerais, procura sempre situar sua investigação tendo em vista uma elucidação de nossa compreensão pré-filosófica do problema investigado. De modo análogo, as análises dos capítulo três em diante, ao longo do livro A, buscam situar historicamente a idéia de uma doutrina geral das primeiras causas e primeiros princípios no contexto do que foi pensado pela tradição filosófica precedente. O objetivo disto é, contrapondo suas próprias análises às concepções filosóficas anteriores, mostrar como seu próprio pensamento, ao mesmo tempo que se integra ao seio de uma tradição, busca superá-la e, também, justificar-se a partir dela. No capítulo sete, retomando os termos gerais de sua crítica, o filósofo afirma:

Todos estes pensadores então, uma vez que foram incapazes de encontrar qualquer outra causa, parecem testemunhar que nós determinamos corretamente as causas tanto em número quanto em sua natureza. Além disto, é claro

<sup>17</sup> Cf. p. ex. 993a 13 (trad. H. Tredennick): "They [the causes] were, however, only vaguely conceived; and although in one sense they have all been stated before, in another they have not been stated at all. For the earliest philosophy speaks falteringly, as it were, on all subjects: being new and in its infancy".



que todas as causas devem ser procuradas, ou deste modo ou de algum modo similar (988b 15).

Parece então necessário a Aristóteles, no plano geral dos livros A e B, que a formulação das características gerais da *sabedoria* ou *ciência buscada* seja sucedida de uma abordagem histórica, a fim de mostrar como seu projeto não apenas se vincula como também ultrapassa as realizações da tradição filosófica anterior. Esta sucessão contudo, ela própria, representa apenas mais um passo na exposição geral da *ciência buscada*. É preciso investigar a seguir que tipo de dificuldades ou *aporias* decorrem deste projeto. Aristóteles termina o livro A introduzindo esta nova etapa de sua exposição, de que tratará especificamente no livro B:<sup>18</sup>

Nós vamos agora retornar às dificuldades que poderiam surgir quanto a estas mesmas questões, pois elas podem lançar alguma luz sobre as dificuldades (ἀπορίαι) subseqüentes (983a 25).

#### 4. Dificuldades Engendradas Pelo Projeto: O Livro B

O livro B é tradicionalmente descrito como livro das *aporias*. Aristóteles analisa ali um grupo de quatorze problemas que parecem emergir da tentativa de efetivarmos uma ciência das primeiras causas e primeiros princípios. A primeira *aporia*, p. ex., questiona se as primeiras causas e primeiros princípios devem constituir objeto de apenas uma ou de várias diferentes ciências. Não vamos tratar aqui de cada uma das *aporias* que compõem o livro B. Para a discussão em pauta convém apenas retermos que o objetivo ali não é apenas aludir à dificuldade de certos problemas, mas também indicar que é à luz das soluções oferecidas a estes mesmos problemas que Aristóteles pretende encaminhar a realização de seu projeto. Neste sentido, o livro B não representa ainda a *ciência buscada* já plenamente constituída. Ele figura na verdade, ao lado do livro A, como uma espécie de proêmio, i.e., um programa a ser observado no curso das investigações posteriores.

18 O livro α, como atestam diferentes intérpretes, é certamente apócrifo, interrompendo a unidade que os livros A e B parecem formar.

## 5. Os Livros A e B no contexto da *Metafísica*

É o projeto de constituição de uma ciência determinada, visando um tipo de conhecimento adequado à *função* própria do homem, que norteia as discussões dos livros A e B. Procuramos até aqui mostrar como podemos reconhecer, em linhas gerais, três diferentes momentos na argumentação de Aristóteles:

- [i] a busca pelo conhecimento é inerente à natureza humana;
- [i.i] mas como existem diferentes tipos de conhecimentos, deve haver então algum que melhor realize os fins desta busca.
- [i.ii] Este tipo de conhecimento, como atesta uma análise de nossa compreensão ordinária mesma de *sabedoria*, diz respeito a uma ciência universal que trate das primeiras causas e primeiros princípios.
- [ii] Demonstração de como o projeto de uma *ciência buscada* se vincula historicamente às discussões da tradição filosófica anterior.
- [iii] Levantamento das dificuldades ou *aporias* suscitadas pela formulação do projeto.

Se nossa interpretação é correta, então a unidade dos livros A e B deve consistir numa espécie de introdução geral à doutrina das primeiras causas e primeiros princípios; doutrina cuja articulação, na verdade, tem ainda o caráter de simples projeto. Com efeito, no início do livro B, Aristóteles parece ainda conferir à sua investigação o estatuto de projeto, i.e. de *busca* por um tipo de ciência cuja estrutura interna ainda ignoramos:

É necessário, com relação à ciência que estamos investigando, (ἐπιζητουμένην ἐπιστήμην), que nós primeiramente (πρώτον) descrevamos as questões que deveriam ser discutidas.<sup>19</sup>

Ora, mas se isto é assim, então, da mesma forma que ao proêmio se segue a efetiva realização dos estudos introduzidos, às análises do livro B deveria suceder um efetivo desenvolvimento da ciência das primeiras causas e primeiros princípios. No entanto, não é isto que parece ocorrer no contexto da obra como um todo. O livro Γ parece representar uma interrupção ou talvez mesmo abandono do curso de investigações que o prece-

19 995a 24 "It is necessary, with a view to the science which we are investigating (ἐπιζητουμένην ἐπιστήμην), that we first (πρώτον) describe the questions which should be discussed."

dem. Ele começa afirmando a existência de uma “ciência que estuda o ser enquanto ser e as propriedades inerentes em virtude de sua própria natureza” (1003a 20). É bem verdade que Aristóteles ainda se refere ali a uma investigação acerca dos “*princípios e as causas mais elevadas*” (1003a 28); no entanto, as discussões a seguir não retomam a doutrina das quatro causas, enunciadas anteriormente. Pelo contrário, a noção de princípio ali diz respeito a certas regras lógicas, como o *princípio de não contradição*, p.ex., de que Aristóteles tratará nos capítulos três e quatro. Nossa hipótese então é que, afinal, talvez a ciência das primeiras causas e primeiros princípios não representasse ainda para Aristóteles o tipo de conhecimento exigido pela natureza própria do homem, daí a necessidade, a partir do livro Γ, de se retomar em novas bases a pergunta por um tipo de ciência universal, i.e., à qual todas as demais estivessem subordinadas. A *ciência buscada*, descrita inicialmente como uma espécie de etiologia, se converte então numa ontologia, cuja marca principal é a pergunta pelo *ser enquanto ser*.

Podemos agora retornar à questão proposta inicialmente: em que sentido a expressão “*o que vem depois da física*” se pode realmente aplicar ao projeto filosófico descritos nos livros A e B? Ora, se examinamos os objetivos gerais ali formulados, percebemos que, na verdade, o essencial das análises aristotélicas permanece adstrito às investigações realizadas na *Física*, de modo que, rigorosamente, a expressão “*o que vem depois da física*” não se aplica de modo inteiramente adequado aos fins propostos pelos livros A e B. Com efeito, Aristóteles, ele próprio, em pelo menos cinco passagens do livro A, se remete à sua *Física*, a fim de mostrar como as investigações perseguidas no livro A já haviam sido ali esclarecidas. Desta forma, p. ex., no último capítulo do livro A, ao passar em revista as concepções filosóficas da tradição anterior, Aristóteles afirma:

Que as causas que nós enumeramos na Física (ἐν τοῖς φυσικοῖς) são as mesmas que todos os filósofos parecem ter buscado e que fora destas causas nós não possamos enumerar nenhuma outra, as considerações que precedem o mostram com evidência.<sup>20</sup>

Se uma doutrina geral das quatro causas já havia sido abordada no contexto da *Física*, qual seria então, face a esta obra, a especificidade das

20 993a 11. Cf. 983b 1; 985a 10; 986b 30; 988a 25. Comparar com a *Física*, 194b 15.

teses desenvolvidas nos livros A e B da *Metafísica*? Não poderia haver um outro tipo de investigação mais universal, à qual, por conseguinte, a própria *Física* estivesse subordinada? As investigações conduzidas no livro Γ, neste sentido, parecem indicar uma descontinuidade em relação aos livros que o precedem. Uma análise das teses específicas do livro Γ porém fogem ao escopo de nossa proposta inicial.

### Referências Bibliográficas

#### [I] Textos de Aristóteles

- Aristóteles. *La Métaphysique*, trad. Jean Tricot, Paris, Vrin, 1986, v. I.  
 ——— *Metaphysics*, trad. H. Tredennick, Londres, Harvard University Press, 1989, v. I.  
 ——— *The Complete Works of Aristotle*, (org.) Jonathan Barnes, Princeton, Princeton University Press, 1991, v. I e II.  
 ——— *Étique à Nicomaque*, trad. Jean Tricot, Paris, Vrin, 1987.

#### [II] Textos sobre Aristóteles

- Aubenque, Pierre. *Le problème de l'être chez Aristote*, Paris, PUF, 1983.  
 Brentano, Margherita von. "Zum Problem der 'Ersten Philosophie' bei Aristoteles", em *Wirklichkeit und Reflexion — Walter Schulz zum 60. Geburtstag*, org. p. H. Fahrenbach, Pfullingen, Neske, pp. 37-69, 1973.  
 Follon, Jaques. "Le concept de philosophie première dans la 'Métaphysique' d'Aristote", em *Revue Philosophique de Louvain*, 88 (90): pp. 387-421, nov. 1992.  
 Jaeger, Werner W. *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik des Aristoteles*, Berlin, Weidmannsche Buchhandlung, 1912.  
 Nagel, Thomas "Aristotle on eudaimonia", em (org.) Amélie Oksenberg Rorty, *Essays on Aristotle's Ethics*, Berkeley, University of California Press, pp. 7-14, 1980.  
 Ross, Sir David. *Aristóteles*, trad. L. F. Bragança Teixeira, Lisboa, Dom Quixote, 1987.  
 Strawson P. F. *Individuals: an Essay in Descriptive Metaphysics*, Londres, Routledge, 1993.